

2006

RECANTO DAS EMAS

ONDE MORA EDINAMAR DE JESUS REZENDE



1975

Orgulhosa de ser a primeira moradora dali, Edna vive bem modestamente, mas diz que está no céu

Um canto para voar

GUSTAVO TOURINHO
DA EQUIPE DO CORREIO

Com a voz um pouco trêmula, os olhos ameaçando criar algumas lágrimas e sem conseguir conter o orgulho, Edinamar de Jesus Rezende, 44 anos, anuncia: "Sou a primeira moradora do Recanto das Emas." Ela se mudou para lá em outubro de 1992, sendo que a cidade somente foi inaugurada em 28 de julho do ano seguinte. Durante quase uma semana, só o que se via por ali era a casa de Edna, como prefere ser chamada. "Quer dizer, se é que se podia chamar aquilo de casa, pois só havia uns pedaços de pau de menos de um metro de altura que seguravam algumas telhas", lembra. Edna, o marido e quatro filhos comiam, dormiam, viviam ali embaixo. Sem água. Sem luz. Tristeza? "De forma alguma? Eu estava no céu, no paraíso. Para quem vive de aluguel, ter sua casa própria é a melhor coisa do mundo."

Na manhã de 28 de outubro de 1992, ela saiu da Ceilândia, onde morava de aluguel durante sete anos, e deu início à construção de sua casa própria em um lote doado pelo Governo do Distrito Federal (GDF). O então governador Joaquim Roriz autorizou a ocupação um dia antes. Ela se lembra até de pequenos detalhes daquela manhã ensolarada. "Havia um monte de policial da cavalaria tomando conta desta área aqui", afirma. Como a região seria

destinada a moradores, retirados principalmente da Ceilândia, havia um sem-número de outros desabrigados ou invasores tentando tomar um pedaço de terra para si.

A segunda casa do Recanto das Emas começou a ser construída mais de 10 dias depois que Edna estava ali. Os policiais montados, então, transformaram-se em amigos dela e de sua família, faziam de sua casa ponto de encontro para bate-papo. "Eu servia café e dava biscoitos a eles. Era bom demais." Com o passar do tempo, os lotes foram sendo ocupados e os policiais, aos poucos, deixaram o local. O primeiro mercadinho só foi criado três anos depois. Trata-se do Mercado Kleber, que continua no mesmo lugar até hoje: a mesma Quadra 101 em que mora Edna. "Antes disso, a gente tinha de ir andando até Samambaia para comprar pão e leite", lembra.

Sem poste de luz

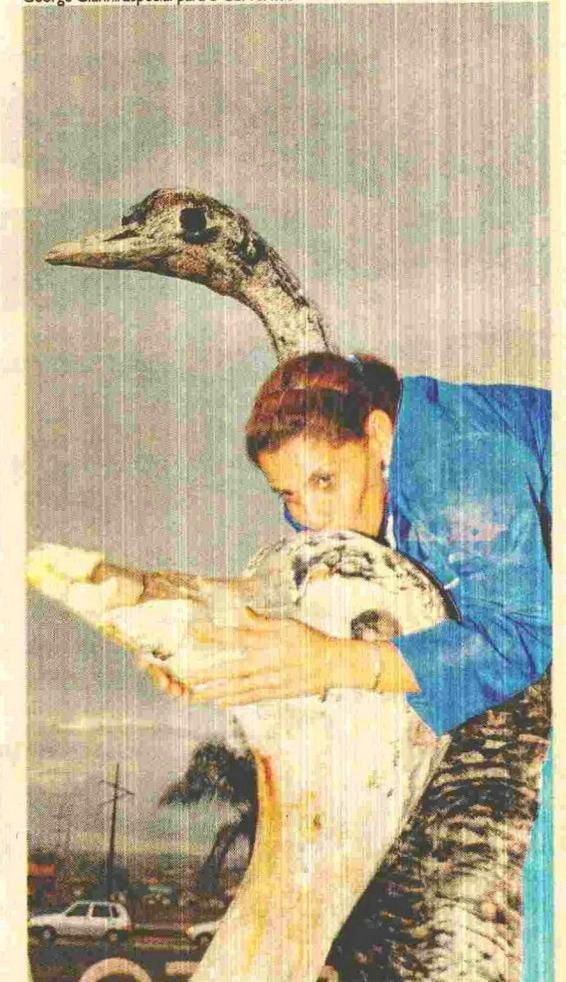
Por volta das 19h, todos os dias, quando seus filhos menores voltavam da escola, Jean Carlos, 28 anos, o filho mais velho, ia pegá-los próximo à pista, onde hoje existe um balão na entrada da cidade, aquele com as emas. "O problema era que não tinha um poste de luz sequer aqui, e os meninos iam tentando acertar o caminho até lá em casa. Eles demoravam mais de duas horas para chegar lá", diz, sorrindo. E assim aconteceu durante mais de seis meses, quando o GDF instalou luz, água e começou a preparar a cidade para a rede telefônica.

Um carro-pipa que apontava na rua de terra era o prenúncio de um bom banho, que não podia ser tomado diariamente. As crianças adoravam, garante Edna. "Criança gosta de farra e de não tomar banho, não é verdade?" A cidade cresceu junto com sua família. E seus filhos, dos quais dois já saíram de casa, não a abandonaram: o mais velho mora na Quadra 402 e o outro, na 102. Tudo é diferente no Recanto das Emas desde que a primeira casa foi erguida naquela imensidão de vazio. "Agora, temos bancos, faculdades, asfalto, água, luz... temos infra-estrutura, né?", enumera Dona Edna.

Os pontos da cidade de que ela mais gosta são a Praça da Quadra 101 e a Quadra de Esportes da 102. Foi ali que ela viu seus filhos crescerem, brincarem, fazerem muitos gols e comemorarem bastante cada vitória — e chorar cada derrota também. Há três anos, outro lugar do Recanto das Emas ficou marcado para Edna. Separada desde 1998, ela foi para um forró na Quadra 203 e conheceu seu atual companheiro, Francisco José Paulo de Sá, 41. Sempre que passa por ali, lembra-se do fato.

Hoje, a população do Recanto das Emas beira a casa dos 130 mil habitantes. A cidade recebeu esse nome devido ao grande número de emas que viviam no lugar, uma antiga chácara chamada Recanto. Dezesete escolas funcionam na região. Há uma delegacia de polícia, companhias de Polícia Militar e dos Bombeiros e 59 quadras residenciais.

George Gianni/Especial para o CB/18.4.06



A ema da entrada do bairro é o símbolo das conquistas de uma dona-de-casa mãe de quatro filhos e pioneira entre 130 mil habitantes